



Encontro
da Rede **10**^o
de Estudos Rurais

**“Terra, Fome e Poder:
Desafios para o rural contemporâneo”.**

27 a 31 de Agosto de 2023, UFSCar, São Carlos – SP

Resiliência de Agricultores Familiares aos Ciclos da Fronteira Agrícola: Estudo de Dois Casos do Assentamento Nova Canaã do Leste, Município de Nova Xavantina - MT

FERREIRA, L¹
SOUZA, L²
TRICHES, T³
CALDEIRA, R⁴
TARSITANO, R⁵
WEIHS, M⁶

GT: 11 Vulnerabilidade, Adaptação e Resiliência na Agricultura Familiar

RESUMO

A agricultura familiar em assentamentos de reforma agrária é historicamente afetada por ameaças e, apesar delas, se redescobre e redesenha, em cada época e contexto em que ocorre. Este estudo buscou compreender esses processos de mudanças e as respostas construídas pelos agricultores no assentamento Nova Canaã do Leste, no município de Nova Xavantina MT. Os dados foram coletados por meio de entrevistas, realizadas em grupo, com base em um roteiro preestabelecido. A resiliência das duas

¹ Acadêmica da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, luana.ferreira1@unemat.br

² Acadêmica da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, leidiany.souza@unemat.br

³ acadêmica Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, triches.thalitta@unemat.br

⁴ Turismóloga, doutora em Sociologia, professora da Faculdade de Ciências Agrárias, Biológicas e Sociais Aplicadas universidade do estado de mato grosso – UNEMAT, regianecaldeira@unemat.br

⁵ Agrônomo, doutor em Agronomia, professor da faculdade Ciências Agrárias, Biológicas e Sociais Aplicadas Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, rodrigotarsitano@unemat.br

⁶ Bióloga, doutora em Desenvolvimento Sustentável, professora Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, marla@unemat.br

famílias de agricultores incluídas no estudo foi analisada com base: (i) nas ameaças aos seus sistemas socioecológicos e (ii) às respostas e adaptações construídas por eles, ao longo do tempo. Na fase de posse da terra, a principal atividade desenvolvida era o cultivo da banana, mas devido a um distúrbio fisiológico, a ocupação foi substituída por pastagem e gado leiteiro, que persiste até os dias atuais. As famílias enfrentaram e continuam enfrentando grandes dificuldades e desafios, mas vêem as suas terras como grandes fontes de sustento porque, a partir delas, conseguiram grandes coisas, que simbolicamente representam algo maior que a renda.

ABSTRACT

Family farming in agrarian reform *Assentamentos* is historically affected by threats and, despite them, it is rediscovered and redesigned, in each time and context in which it occurs. This study sought to understand these processes of change and the responses constructed by farmers in the Nova Canaã do Leste *Assentamento*, in the municipality of Nova Xavantina, Mato Grosso. Data were collected through interviews, carried out in groups, based on a pre-established script. The resilience of the two farming families included in the study was analyzed based on: (i) the threats to their socio-ecological systems and (ii) the responses and adaptations built by them over time. In the land tenure phase, the main activity developed was the cultivation of bananas, but due to a physiological disorder, the occupation was replaced by pasture and dairy cattle, which persists to the present day. Families have faced and continue to face great difficulties and challenges, but they see their lands as great sources of livelihood because, from them, they have achieved great things, which symbolically represent something greater than income.

Palavras-chave: Agricultura familiar, resiliência, assentamentos rurais e sistema socioecológicos

INTRODUÇÃO

A história relatada por José de Souza Martins (1997), sobre o colonizador que negligência o posseiro ao ocupar suas terras, na região do Araguaia, descreve a dinâmica que se estabeleceu neste território mato-grossense. A partir da década de 1970, por meio de projetos de colonização criados e orientados pelos governos militares, a terra passou a ser propriedade dos colonos. Eram pequenos agricultores, muito deles ainda em posse da cultura camponesa de produção agrícola e reprodução social (WANDERLEY, 2009), mas, que, por terem atravessado a fase de mecanização e modernização das atividades agrícolas na região sul do país, traziam em suas bagagens a prática da monocultura mecanizada, desenvolvida com uso de sementes selecionadas, fertilizantes e agrotóxicos (WEIHS, 2020; WEIHS et al., 2020).

No município de Nova Xavantina, localizado na região do Médio Araguaia, enquanto cresciam os latifúndios - muitos deles por meio de grilagem de grandes áreas de terras devolutas, a partir da década de 1940, ou, numa fase mais recente, como resultado da reconcentração da terra - ganhavam força os movimentos dos trabalhadores na luta pela terra. A ponte sobre o Rio das Mortes, na cidade de Nova Xavantina, chegou a ser ocupada em mais de uma ocasião, por dias seguidos, por posseiros e seus familiares que haviam sido expulsos das ocupações nas fazendas, sob forte repressão de forças policiais.

Neste contexto, foi colocado em curso, em meados da década de 1980, a criação do Projeto de Assentamento Banco Safra (P.A. Safra), atualmente denominado Assentamento Nova Canaã do Leste. Trata-se, originalmente, de um conjunto de 390 famílias, negras em sua maioria, que ocupam uma área de cerca de 10 mil hectares de uma antiga fazenda considerada improdutivo, desapropriada pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em 1987 (MAIA, 2016; SOUZA, 1997).

O desenvolvimento do território é historicamente marcado pelos grandes ciclos que acompanham o avanço das fronteiras agrícolas no Cerrado e na Amazônia. As cooperativas e empresas colonizadoras que assumiram a tarefa de ocupar um

território “sem homens”, como pregava o regime militar, incentivavam os colonos a converterem os ecossistemas nativos em lavouras brancas (arroz, milho e feijão) (RIBEIRO, 2013).

A crise econômica que se estabeleceu no país no início da década de 1980 afetou a disponibilidade de incentivos agrícolas e aumentou o endividamento dos agricultores. “O banco tomou máquinas e terras de muitos colonos” (BARROZO, 2018, p. 219). Aqueles que conseguiram permanecer nas terras partiram para experimentos próprios (RIBEIRO, 2013). No entanto, ao longo do tempo, a maior parte das terras foi reconcentrada, formando grandes fazendas, cujas terras são hoje utilizadas para a produção de gado de corte e, principalmente, soja (em franca expansão).

O gado leiteiro se estabeleceu nas propriedades da agricultura familiar, sobretudo nos assentamentos rurais (CRACO; LAFORGA; TARSITANO *et al*, 2014). O município de Nova Xavantina produz anualmente cerca de 10 milhões litros de leite - segundo o Censo Agropecuário de 2017 (IBGE, 2017) -, os quais são comercializados por meio de dois laticínios (Cajes e Campileite). O Assentamento Nova Canaã do Leste, o leite é o carro-chefe da economia das famílias, que enfrentam a escassez de água potável (a maior parte da água é salobra) e a distância do núcleo urbano, que desfavorece a comercialização de olerícolas.

Parte dos agricultores do Assentamento presta serviços em fazendas vizinhas, no manejo de gado, ou trabalha como assalariado em uma mineradora de calcário, nas proximidades da agrovila da comunidade. As famílias estão, em geral, envelhecidas, a maior parte dos filhos migrou para as cidades, em busca de estudo ou trabalho. A aposentadoria é, portanto, um recurso importante para a manutenção dos agricultores nas propriedades.

Quais foram as ameaças à manutenção do sistema socioecológico da agricultura familiar nas propriedades de famílias assentadas no Nova Canaã do Leste? Como as famílias lidaram com essas ameaças e foram se adaptando às mudanças, ao longo do tempo, de forma que conseguissem permanecer na atividade? Essas são as perguntas que este artigo pretende responder. Nosso objetivo é analisar

a trajetória dos agricultores familiares, considerando dificuldades e atos de resistência que foram fatores decisivos para a permanência dos agricultores no assentamento. Trata-se de um estudo de casos, investigado de forma qualitativa, por meio da contação de histórias de duas famílias do Assentamento Nova Canaã do Leste.

Sistemas Socioecológicos e Resiliência da Agricultura Familiar

A resiliência da agricultura familiar vem sendo investigada há mais de uma década por um grupo de pesquisadores que se dedica a compreender sua dinâmica em uma fronteira agrícola amazônica, localizada no Território Portal na Amazônia, no extremo norte do estado de Mato Grosso (OLIVAL et al., 2021). Mais recentemente, as pesquisas vêm ganhando espaço também no Cerrado, no Território Pontal do Araguaia, na região nordeste do estado, onde se localiza o município de Nova Xavantina.

O grupo investiga os sistemas socioecológicos a partir da integração entre os processos e componentes de ecossistemas naturais e sociedades humanas. O sistema pode ser, portanto, uma propriedade agrícola, uma família ou uma comunidade rural. Os pesquisadores investigam a dinâmica desses sistemas, propriamente ditos, buscando aproximar-se das complexidades que lhe são inerentes, bem como, das conexões que se estabelecem externamente e atuam sobre ou em articulação com os componentes do sistema (OLIVAL et al., 2021). Entre os principais achados do grupo está um conjunto de três atributos dos sistemas, que ampliam a resiliência da agricultura familiar. São eles: diversificação da produção e fontes de renda, investimento nas relações sociais e desenvolvimento de competências de aprendizagem e adaptação (BUSCHBACHER, 2014).

Diante das vulnerabilidades dos sistemas socioecológicos da agricultura familiar em assentamentos rurais, tal conjunto de atributos, frente a um período de crise ou alguma ameaça ao setor, não evita necessariamente o colapso do sistema. Portanto, não há garantias. No entanto, é provável que as famílias com maior

resiliência, ou seja, que contam com atributos que melhoram sua capacidade de adaptação às ameaças e mudanças, tenham maior chance de sobreviver como sistema socioecológico (estrutura e modos de vida), se recuperar e permanecer na atividade (BUSCHBACHER, 2014; WEIHS et al., 2020).

A resiliência é definida, portanto, como a capacidade de um sistema de exibir continuamente e de ter como estruturar respostas quando passa por modificações naturais ou sociais. É definida, igualmente, como uma abordagem que permite entender e promover mudanças, em longo prazo, em comunidades rurais (DARNHOFER et al., 2014). Para Darnhofer et al (2016), para persistir, as propriedades rurais têm de mudar, ou seja, precisam ajustar-se a todas as alterações e pressões vinda da prática produtiva e das mudanças ambientais ao longo do tempo.

Walker et al. (2004) explica que resiliência é a capacidade do sistema continuar a apresentar as mesmas funções, estruturas e contornos ao passar por grandes mudanças ou graduais, sejam estas de ordem natural ou social. A perda de resiliência da agricultura familiar significa, portanto, a transformação de um sistema socioecológico, em nível de propriedade, família ou comunidade, em outro não agrícola, que se esvazia dos componentes da agricultura familiar ou camponesa. Wanderley (2009) discute, com grande dedicação e cuidado, as formas de existir dessas agriculturas, dando-lhe contornos e nuances que nos permitem melhor compreender quando é e quando deixa de ser agricultura - com todas as ponderações possíveis, para que não se caia num reducionismo.

DESENVOLVIMENTO

V.1. Área de estudo

Caracterização do Município de Nova Xavantina – MT.

O município de Nova Xavantina faz parte da Mesorregião Geográfica Nordeste do Estado de Mato Grosso, conta com uma população total de 24.345

habitantes, sendo desse total 15.746 habitantes representam a população urbana e 3.897 habitantes representam a população rural (IBGE, 2022). O município conta com uma área total de 5.763,50 km², apresentando um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0.704 (Atlas Brasil, 2013).

Nova Xavantina conta com 6 assentamentos provenientes da reforma agrária, sendo eles: Piau, Melo, Safra, Ilha do Coco, Rancho Amigo e Santa Célia e 2 assentamentos provenientes do Programa Nacional de Crédito Fundiário, sendo eles: Beira Rio e Banco da Terra (TARSITANO, 2016).

Possui um total de 1.402 estabelecimentos agropecuários e uma área de 446.594 hectares de atividade agropecuária, sendo 1.034 estabelecimentos da agricultura familiar, ou seja, 73,75% de todos os estabelecimentos do município (IBGE, 2006).

Caracterização do assentamento Nova Canaã do Leste (P.A Safra), Nova Xavantina-MT

O assentamento Nova Canaã do Leste (P.A Safra), está localizado a 73 Km do município de Nova Xavantina –MT, criado em 1987 através do Programa de Reforma Agrária, e é considerado uns dos mais antigos e o maior assentamento do município, com uma área de 29.319 hectares, onde se instalam 390 famílias, esse assentamento se caracteriza por ser o primeiro projeto de assentamento criado em Nova Xavantina, possuindo uma associação chamada: “Associação de Posseiros e Trabalhadores Rurais do P.A Safra” criada 1985. (TARSITANO et al., 2016).

V. 2. Coleta de dados

Os dados fazem parte do Projeto Agroflorestas como estratégia de fortalecimento da resiliência dos agricultores no território Pontal do Araguaia, Mato Grosso, Brasil, fomentado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT.0000846/2022), cuja execução foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT, CAAE

64571222.4.0000.5166).

A coleta de dados foi realizada no dia 30 de setembro de 2022, no Assentamento Nova Canaã do Leste, popularmente conhecido como PA Safra, por meio da aplicação de duas entrevistas semi-estruturadas, realizadas de forma coletiva, ou seja, foram formados grupos de pesquisadores e integrantes de famílias, em número semelhante de indivíduos. A metodologia visava o estabelecimento de um diálogo solto, informal, que abrisse a possibilidade para os agricultores contarem a história e modos de vida da família, no assentamento.

A seleção dos participantes considerou o tempo e a trajetória no assentamento. Foi dada preferência às primeiras famílias que ocuparam as terras na fase de criação do assentamento, e ainda permanecem no lugar. Dentro do possível, buscou-se garantir a equidade de gênero e a valorização da participação dos jovens.

Numa segunda fase, no dia 19 de maio de 2023, os agricultores envolvidos neste estudo foram ouvidos durante uma oficina de diagnóstico e planejamento realizada pelo grupo de pesquisa em Agriculturas e Meio Ambiente (GAMA) em parceria com um grupo de acadêmicos que atua no projeto: Agrifampa (Agricultura Familiar e Resiliência Pontal do Araguaia).

V. 3. Análise de dados

As entrevistas foram gravadas em dois ou mais gravadores, usando dispositivos celulares andróide e iOS, sendo a gravação autorizada pelos agricultores familiares a partir da leitura e assinatura de Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Os áudios foram reproduzidos e transcritos por acadêmicos e docentes da Universidade do Estado de Mato Grosso, do Campus de Nova Xavantina. Trechos das falas dos agricultores são citados no texto, sendo os indivíduos identificados por famílias: F1 e F2, para resguardar a identidade e assegurar os direitos de sigilo assumidos junto ao CET.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Posse da Terra

No Brasil, a dura história da posse da terra em um assentamento de reforma agrária é, quase sempre, a história de todos os outros assentamentos. Não são exclusividade de um grupo, em relação a outro, as dores e violências da fase de acampamento que duram, por vezes, até ou mais de 10 anos, nem as dificuldades de organização social e articulação com lideranças, entre várias outras questões que poderiam ser mencionadas aqui.

Essa também é, portanto, a história do assentamento Nova Canaã do Leste, em Nova Xavantina. A vida e a vivência da F1 e F2, como definimos as famílias que entrevistamos, na longínqua luta pelo direito de acessar a terra, apesar de árdua e única, para essas famílias, não se distancia muito do que conhecemos na literatura.

F1, entrevistada em 30 de setembro de 2022:

"Foi muito sofrido, muito mesmo, porque nós entramos aqui, era uma invasão que fala né, uma grilagem de terras. A gente se apossou, eu derrubei o mato, plantei a roça e aí veio uma intimação para nós irmos à Barra [do Garças, município próximo]. Nós fomos, vieram 118 homens dentro de um ônibus. Sabe como é que é? E nesses 118 homens, só tinha uma mulher"

"Aí eles falaram que era um acordo para nós ficarmos e não era. A gente assinou lá um despejo, aí tá, isso foi mais ou menos do mês de julho para agosto, quando foi em 16 de novembro, o caminhão chegou aqui na porta, ainda não chegou aqui [perto], chegou ali [longe], porque aqui não tinha estrada".

"Eu fui de a pé até a [Nova] Xavantina [cidade] duas vezes, até no chapéu de palha, sete horas de viagem daqui até lá, para buscar coisas de comer e ver outras atividades que era preciso".

"Não tinha nem barraco aqui, né, buscava água no Rafael [córrego], porque nós não tínhamos água aqui, e buscar água no Rafael é um quilômetro daqui ou mais".

F2, entrevistada em 30 de setembro de 2022:

"Saí de um lugar [Bonfinópolis de Minas (MG)] que a gente, assim, não é que tinha muitas coisas não, mas em vista do que a gente veio e achou aqui, né, saímos da riqueza e viemos para uma pobreza. Meus filhos eram todos pequenos, minha filha mais nova estava com dois anos, e jogamos nossa mudançazinha no chão, em um ranchinho beira chão, só mato. Nem água tinha".

Hoje, quando se chega a alguma dessas propriedades a romantização dos espaços e trabalho das pessoas geralmente se faz presente - “que lugar lindo”, “como é gostoso aqui”, “moraria aqui sem problemas”, “é uma paz”. No primeiro momento não se conhece o caminho trilhado até ali, mas quando a história é contada, percebe-se que cada detalhe foi fruto de esforços contínuos e duros. As construções no imaginário criam novas formas e significações, o romantismo abre lugar para uma realidade que nunca foi e não é fácil.

OS CICLOS PRODUTIVOS: A ADAPTAÇÃO FRENTE ÀS AMEAÇAS E AS NOVAS OPORTUNIDADES

As duas famílias mencionaram que, no início das atividades em suas propriedades, trabalharam com o cultivo de arroz, banana, milho, mandioca e outros. Uma das famílias contou-nos que o cultivo da banana foi imprescindível para mantê-los na agricultura familiar. A F2, por exemplo, disse que a família só passou dificuldades até o momento da colheita do primeiro cacho de banana, a partir de então as condições financeiras se tornaram mais seguras.

F2, entrevistada em 30 de setembro de 2022:

“Mas o que tirou nós do poço aqui foram as bananas, porque aqui, quando eu cheguei, tinha uns pés de banana, o cara que vendeu tinha plantado mais o menos umas 60 covas de banana, novinha no meio do mato, aí eu zelei e virou um bananalzinho bonito. A terra era muito boa. Das duas famílias que vieram, a situação mais difícil era a minha, porque dos que vieram, parece que os outros tinham mais um pouquinho de escorar, eu não tinha não”.

Não demorou muito para os bananais serem atingidos pelo Mal-do-Panamá. As duas famílias entrevistadas, como a maioria dos agricultores do assentamento, passaram por esse processo. A doença, causada pelo fungo *Fusarium oxysporum* f.sp. *cubense* (SILVA; MATOS; CORDEIRO et al., 2011), provocou grandes perdas econômicas.

A solução foi investir num sistema de produção que trouxesse mais garantias, em termos de adoecimento e perda da produção, e que encontrasse um mercado mais estruturado e menos exigente. Como a produção de banana era comercializada

em Goiânia, a exigência de qualidade sanitária, bem como da recolha de tributos, cada vez mais cotidiana, em função da fiscalização das cargas nos caminhões, inviabilizavam, em grande medida, o investimento nos bananais. A pecuária leiteira emergiu como solução.

O número de cabeças de gado, por família, é pequeno, não passa de dez. As vacas são ordenhadas manualmente e o leite é depositado em tanques de resfriamento cedidos por um laticínio privado. O valor do litro do leite é pago conforme a sazonalidade, o que define a oferta e a procura, típica do mercado leiteiro. Os períodos de seca são críticos, o que implica na perda de cabeças. Os agricultores relatam um episódio em 2008 em que a maioria deles perdeu parte do rebanho. Em algumas propriedades não sobrou nenhuma cabeça. A prática da produção de silagem não é comum entre os agricultores. Também não é comum o uso de resíduos de soja para alimentar o gado no período da seca (maio a setembro), que, em outros assentamentos do município são adquiridos nos armazéns graneleiros. A distância (mais de 40 km) da rodovia, BR-158, onde os armazéns estão localizados, bem como o valor do produto, dificulta a superação dos desafios impostos pela seca, para a manutenção do rebanho.

O leite é uma das rendas principais nas propriedades, embora, ainda haja o cultivo de hortaliças, frutíferas e outros que em sua maioria são alimentos utilizados para consumo e até mesmo para a distribuição para os vizinhos e visitantes, na forma de troca ou doação.

Entre Ameaças Distintas: a Terra e a Natureza como Âncoras da Vida no Campo

A permanência no campo, apesar das crises financeiras, apresenta componentes simbólicos que dizem respeito à relação com a terra e a natureza, bem como aos modos de vida. “Se Deus me desse uns dez anos de vida pra mim começaria tudo de novo”, relatou a F1 (30 de set de 2022).

As crises econômicas não foram as únicas a chacoalhar a estabilidade das famílias na terra. Pesava a saudade da família e a falta de redes de apoio.

“Eu tive um tempo que me deu de querer ir embora mesmo, não desse jeito não dá para ficar não, tenho que ir embora, aí eu falava assim, eu não nasci para viver longe da minha mãe não. Saudades, achava difícil demais. A gente era acostumado quase dentro da casa dela, né, ajudava a gente a criar nossos meninos, mais era mesmo desespero da gente, aí uma vez, vocês lembram que deu um problema ali em Goiânia de um negócio radiativo aquilo estava nos rádios, para mim assim [pensei]: eu não vejo minha mãe mais não, vai acabar tudo. Eu escrevi umas cartas para minha mãe porque naquela época era só carta, quase matava ela do coração do tanto que eu reclamava sem ela” (F2, 30 de set de 2022).

O pai da agricultora foi importante na decisão de continuar na propriedade. Ela contou que seu pai a aconselhou:

“eu vou falar uma coisa para vocês, se vocês quiserem voltar, a gente volta, fome a gente não passa não, o que a gente comer, vocês comem também, só que aqui não é ruim não, aqui vai ser bom, vocês vão passar trabalho [dificuldade] um tempo, mas vão fazer a vida” (F2, 30 de set de 2022).

O que ameaça a permanência na terra, nos dias atuais, é a saúde dos agricultores. Com o avanço da idade emergem problemas gerados pelo acúmulo de atividades e excesso de esforço físico, como as inflamações de articulações (artrite), os desgastes de cartilagem (artrose) e os problemas na coluna vertebral (osteoporose, hérnia de disco, dor na coluna lombar ou cervical), entre outros. Há, igualmente, os casos de sequelas de acidentes, principalmente, com motocicleta, veículo comumente utilizado no transporte do leite até o tanque de resfriamento, e com a lida com o gado.

Uma das famílias contou-nos, durante a oficina realizada no dia 19 de maio de 2023, que o produtor sofre com problemas pulmonares e a esposa com diabetes. Por essa razão, eles colocaram a propriedade à venda. Pretendem mudar-se para a cidade e conseguir acompanhamento médico. Nesses casos a venda é uma das opções restantes, para a tristeza dos agricultores, visto que os filhos vivem fora da propriedade e geralmente atuam em áreas diferentes dos pais.

Além das questões postas até aqui, apresentamos, em síntese (Tabela 1), algumas outras oportunidades e dificuldades que as famílias tiveram que enfrentar ao

longo de sua trajetória na agricultura familiar dentro do assentamento Nova Canaã do Leste.

Tabela 1. Relação das famílias (dificuldade e oportunidades) do assentamento PA Nova Canaã do Leste no Município de Nova Xavantina, Mato Grosso.

FAMÍLIAS	Quais foram as DIFICULDADES?	Quais foram as OPORTUNIDADES?
F1	despejo das terras	contribuição para a formação dos filhos e netos
	deslocamento para a cidade	investimento em tanques de piscicultura (9 tanques)
	indisponibilidade de água	investimento na loja de acessórios para carro do filho
	ameaças as plantações de banana (Mal do Panamá) e feijão (bizzorro)	
	comercialização de produtos (leite, porco, galinha e peixe) na cidade	
	seca de 2016	
	difícil acesso aos programas de financiamento	
	problemas de saúde	
	endividamento (banco e agiota)	
F2	deslocamento do Estado de Minas Gerais para Nova Xavantina	comércio da banana

	indisponibilidade de água	Programas de financiamento (Pronaf)
	saudades da família	Aquisição de uma propriedade para cada filho
	deslocamento para a cidade	Compra de lotes para aumento da propriedade
	ameaças as plantações de banana (Mal do Panamá)	Compra de um trator
	falta de mantimentos (açúcar, leite) no início	

Percebe-se que, no passar dos anos, os agricultores familiares tiveram que passar por diversas situações onde muitas vezes eles pensaram em desistir. Muitos apontaram que a fé em Deus e a vontade de mudar de vida foram pontos importantes para que eles se mantivessem no campo. Ambas as famílias mencionaram que se tivessem oportunidade de vivenciar tudo novamente, mesmo com as dificuldades, eles voltariam a viver sem nenhum arrependimento.

Nota-se que apesar da dureza existente no campo, tanto nas fases iniciais quanto nas atuais, as famílias percebem seu território, sua terra como indissociável de suas vidas, “não dá pra viver na cidade” destacam. Neste contexto, os agricultores e agricultoras se enxergam e se sentem como pessoas do meio rural, identificam-se e constroem suas identidades a partir de saberes que são compartilhados entre gerações, sejam crenças, técnicas de cultivo, preparo de alimentos, religião, formas de lazer, dentre outros. Estes, por sua vez, fortalecem o sentimento de pertencimento e resiliência para permanecerem na área rural e continuarem como agricultores familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU CONCLUSÕES)

As mudanças que afetaram os agricultores familiares, na fase de posse da terra, contribuíram para o enfrentamento das ameaças subsequentes, pois geraram acúmulo de aprendizado. Assim, a resiliência geral dos sistemas socioecológico e econômico das famílias, que foi construída ao longo do tempo, alicerçou escolhas que trouxeram esses homens e mulheres sofridos até aqui, em suas terras, seu bem maior, junto à fé em Deus e a família.

O estudo nos revela, portanto, que a vida e o trabalho da agricultura familiar significam mais que um esforço para atender às demandas econômicas. A atividade também busca suprir as necessidades alimentares no âmbito familiar, com garantia e qualidade. As famílias passaram e passam por grandes dificuldades e desafios, porém vêem suas terras como um grandioso recurso para subsistência, pois mesmo com as dificuldades, eles tiveram grandes conquistas. Podemos observar o valor que dão, a cada atividade e as conquistas de cada família.

Os agricultores incluídos neste estudo acreditam que venceram em sua luta e, apesar das dificuldades e os vários episódios de insegurança alimentar e miséria, conseguiram manter seus sistemas agrícolas como planejaram, adaptando-os às mudanças ao longo do tempo. Porém, na atualidade, a história segue outro roteiro. Os agricultores parecem estar sendo vencidos pelo avanço da idade e as doenças associadas a ele. A reprodução social das famílias na terra não se concretizou por diversas razões, que cabem em estudos adicionais. Investigar esse fenômeno, suas ameaças e oportunidades, é de grande relevância se queremos contribuir com a permanência das famílias no campo.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, C. A.; SOUZA, J. P.; DELLAGNELO, E.H.; CARIO, S. A. F. Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 51, n. 4, p. 745–764, dez. 2013.

BARROZO, J. A questão agrária em Mato Grosso. Em: RODRIGUES, C.; JOANONI NETO, V. (Eds.). Nova História do Mato Grosso Contemporâneo. Cuiabá: EDUFMT, 2018. p. 197–227.

BUSCHBACHER, R.; ATHAYDE, S.; BARTELS, W.L.; MELLO, R. Resilience Assessment as a tool for understanding the Amazon frontier as a social ecological system. *Sustentabilidade em Debate*, v. 7, n. 2, p. 20 a 35, 2016.

BUSCHBACHER, R. A teoria da resiliência e os sistemas socioecológicos: como se preparar para um futuro imprevisível? IPEA, *Boletim regional, urbano e ambiental*, v. 9, p. 11–24, 2014.

CRACO, J. J.; LAFORGA, G.; TARSITANO, R. A.; RAMBO, J. R. caracterização de produtores e da pecuária leiteira em nova xavantina - mt. retratos de assentamentos., v.17, n.2, 2014.

DARNHOFER, I.; LAMINE, C., KNICKEL, K., 2014a. Conceptual Framework. RETHINK Project. www.rethinknet.

DARNHOFER, I.; LAMINE, C.; STRAUSS, A.; NAVARRETE, M. The resilience of Family farms: towards a relational approach. *Journal of Rural Studies*, v. 44, p. 111 -122, 2016.

FERRO, A. S.; VECHI, J. B. Contextualização da agricultura familiar em Mato Grosso. *Oficina de Concertação Estadual de Mato Grosso*.

HELMAN, C. G. Cultura, saúde e doença. Porto Alegre: Artmed, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Unidades Territoriais do nível município – Unidade da Federação Mato Grosso, Censo Agropecuário 2006. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 2006. Disponível em

<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/territorio/unit.asp?e=v&t=71&codunit=5450&z=t&o=4&i=P>. Acesso em: 18 de junho de 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Cidades e Estados. 2022. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mt/nova-xavantina.html>>. Acesso em: 30 de junho de 2023.<https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/index.html>. Acesso em: 30 de Junho de 2023.

MAIA, A. O Programa Nacional de Crédito Fundiário no município de Nova Xavantina-MT: acesso à terra e qualidade de vida das famílias? Tese de Doutorado—Ilha Solteira: Universidade Estadual Paulista, 2016.

MARTINS, J. DE S. Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: hucitec, 1997.

OLIVAL, A. D. A. O. et al. Na trilha das mudanças: ciência e resiliência da agricultura familiar na Amazônia norte mato-grossense. Cáceres: Ed UNEMAT, 2021.

RIBEIRO, A. A Colonização promovida por empresas e famílias do centro sul do Brasil na Amazônia Mato-Grossense. Tese de Doutorado—Belém: Universidade Federal do Pará, 2013.

SANTOS, J. V. T. A reprodução subordinada do campesinato. Ensaios FEE, Porto Alegre, 02 (02), 1981. p.109-1997.

SILVA, S. O.; MATOS, A. P.; CORDEIRO, Z. J. M.; LIMA, M. J. C.; AMORIM, E. P.; avaliação de genótipos tetraploides de bananeira cultivados em área infestada pelo agente causal do mal-do-panamá. rev. bras. frútice., Jaboticabal - sp, v. 33, n. 1, p. 137-

143, março, 2011.

SOUZA, I. Política Local e Assentamentos: Clientelismo, Subordinação e Reprodução. Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas, v. 15, p. 90–99, 1997.

TARSITANO, R. A.; SANT'ANA, A. L.; JUNIOR, A. G. C.; VIEGAS, L. P. caracterização dos municípios e dos assentamentos rurais no território pontal do Araguaia em Mato Grosso 2016.

WALKER, B.; HOLLING, C. S.; CARPENTER, S. R.; KINZIG, A. P. Resilience, adaptability and transformability in social-ecological systems. Ecology and Society, v. 9, n. 2, p. 01 - 09, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.5751/ES-00650-090205>.

WANDERLEY, M. N. B. O Brasil: agricultura familiar ou latifúndio? In: LAMARCHE, H. A. A agricultura familiar. Campinas: UNICAMP, (2), 1998. p.27-31.ola. Embrapa, Brasília, DF, p. 509-529. 2014.

WANDERLEY, M. N. O mundo rural como espaço de vida: Reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WEIHS, M.; SAYAGO, D.; TOURRAND, E J.-F. Dinâmica da fronteira agrícola do Mato Grosso e implicações para a saúde. Estudos Avançados, v. 31, n. 89, p. 323–338, abril, 2017.

WEIHS, M. et al. Implicações do modelo de ocupação da fronteira agrícola à agricultura familiar em Terra Nova do Norte e Nova Guarita, Amazônia mato-grossense. Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 54, 4 ago. 2020.

WEIHS, M. Do boi à soja: agrotóxicos e riscos à saúde na Amazônia mato-grossense. Novos Cadernos NAEA, v. 23, n. 2, p. 135–159, 2020.